

MEMÓRIA DAS ÁGUAS*

Jerusa Pires Ferreira - USP/ PUC

Quero agradecer à professora Célia Jacob pelo amável e carinhoso convite, e aos deuses e deusas das águas que me permitem estar mais uma vez em Belém (espaço de grandes afetos e descobertas).

Vim aqui pela primeira vez, há uma década, século, milênio (era o ano de 1995) a convite da professora Maria do Socorro Simões (projeto IFNOPAP-UFPa) e não parei mais.

Quero dedicar minha fala a Josebel Akel Fares, senhora de todas as matintas amazônicas. Assim aos meus amigos escritores, poetas, músicos (que não cito por não querer omitir). O Trabalho que aqui apresento, sob forma resumida compõe-se de:

1. Uma evocação, espécie de vinheta sobre a Memória das Águas.
2. Uma reflexão sobre a memória (que prossegue nos cursos, trabalhos, livros que tenho publicado e pretendo publicar nos próximos anos).
3. A leitura e relação com o tema deste Simpósio (memória, cultura, identidades), numa breve leitura de livros do escritor Milton Hatoum, começo de um trabalho maior e em curso.

1. Memória das Águas

Quando se trata do Sertão, as águas são raridade e remédio, são força e esperança. Ganham a dimensão de uma Promessa. O filme *Sinais da Chuva*, rude almagesto de Olney São Paulo guarda a marca de entendimentos e de presságios. Por isso alguém prevê que a chuva cairá ou deixará de cair. E a chuva que cai forma os rios, abastece a terra, enche de fartura o Sertão. E se cai demais, traz a desolação de todos os desastres.

Na Amazônia, a água é presença e movimento, é a própria organização das paisagens culturais e humanas, anímica e definidora, a água é o bordão da memória.

O primeiro contato é de tal maneira impressionante que parece estarmos cercados por toda a vida do mundo, e esta imagem parece que penetra os nossos corpos e nos envolve, creio para sempre. É a imagem da grandeza, do mistério insondável, da profusão do líquido que é, antes de tudo vida. Ao contrário dos ermos desérticos, a água fecunda, arrasta, para frente, por onde correm os rios, - ou para trás até onde alcança nossa memória, em fluxos e correntes.

No caso da chuva, que ao longo da literatura quis dizer memória e se associou a estados de alma, de melancolia ou de apreensão, de suavidade ou de tragédia, não sei se em algum momento ela deixou de ser mencionada aqui, nos espaços desta cultura.

Estudante secundária gravaria para sempre a impressão e a sonoridade do título: "Chove nos Campos de Cachoeira" de Dalcídio Jurandir.

A primeira vez que assisti ao *Sacrifício* de Tarkóvski, filme que além de constituir-se num rito é um modo especial de tratar o tempo, fui tomada de modo especial. Há um determinado momento em que as cortinas finas se mexem pela força da chuva e nas calçadas escorre a água que pode vir de não

* Conferência proferida na abertura do X Fórum Paraense de Letras, promovido pela UNAMA, outubro, 2004, Belém-Pará.



arquivo vivo, por um lado denunciador por outro transmissor. Até hoje, em linguagem policial, fala-se de queima de arquivos, quando se elimina alguém cuja memória detém fatos e seria capaz de trazê-los à tona.

Para a tradição oral a memória é espaço, lugar, e a própria matéria construtiva de tudo o que se cria. Ela é o encontro da tradição com o presente e com aquilo que se projeta ao futuro. E aí há a memória acionada em presença, interativa e fundamental, no estabelecimento da pactuação que torna possível o reconhecimento de um repertório e do ato criador.

As memórias contadas (anamneses), imaginadas, comparecem desde sempre na literatura e na poesia (afinal nunca é demais repetir que a memória é a mãe de todas as musas) são muitas vezes a própria literatura e a poesia. Identificando-se fortemente com o processo criador e suas matérias primas, Miguel Torga, escritor português, chama de *Dias da Criação* alguns dos livros de memórias que escreveu, à maneira do *Gênesis* bíblico. Augusto Roa Bastos um dos maiores escritores de nosso continente, em seu livro *Eu - o Supremo*, atribui à memória, inclusive à memória viva na palavra oral, a capacidade de poder reverter a tirania da letra e dos déspotas que a transformaram em lei.

A literatura apóia na grande memória pessoal/coletiva discursos que trazem, em interação, o reavivar ou o esquecer, em processos contínuos.

Assim não podemos também deixar de lado velocidades e ritmos, os labirintos, a memória das formas e a dos gêneros, a memória fantasmática. Há ainda a comentar a força de toda uma memória subterrânea, daquela que se desenrola como algum tipo de resistência ao que foi recalcado e perseguido e que recrudescer com uma vitalidade sem par.

Estas reflexões fazem parte do conjunto em que se fundamentaram os ensaios e estudos contidos em meu recente livro *Armadiilhas da Memória* (São Paulo, Ed. Ateliê).

3. Da memória para os romances de Milton Hatoum

Falar das Águas é também remeter a um dos mais sensíveis e impressionantes escritores brasileiros do momento, o amazonense Milton Hatoum (aliás apaixonado por Belém).

Em seus dois livros *Relatos de um certo Oriente* e *Dois Irmãos* (São Paulo, Cia das Letras) nesta semiosfera das águas, ele organiza narrativas, tramas ficcionais e textos de e sobre a memória, de modo bem diferente, embora partindo de lastro comum.

O primeiro (e não será novidade dizê-lo) como a estrutura de um tecido, tapete, rede. No segundo, como o limo das águas, a proximidade dos abismos. Até a capa é de um verde abissal, como um peral onde a tragédia se constrói.

Ambos nos convidam a um olhar e a um tempo de vivências e de imaginação na Amazônia.

Alguns eixos nos permitem a aproximação desta memória tão assentada nas águas desta cultura mestiça (em suas palavras, a beira do rio e a cultura do mediterrâneo).

E em termos de memória exercida como matéria e memória (Henri Bergson) e memória-narração, anamnese (Proust). Temos neste livro a "Madeleine cabocla", em que "O aroma dos figos era a ponta de um novelo de histórias narradas por minha mãe".

E eu passo a destacar:

1. O da migração, deslocação difícil, o da descoberta, multiplicação de seqüências em que as águas são o centro de tudo.

Dan Bem Amos no prefácio de *De Deuses e mitos* de Greimas nos fala do século XX como o século da experiência dos exílios e das migrações no mundo, e da ativação da memória.

Destaco nos romances de MH, a polissemia de tantas evocações, tantas construções da memória.

Assim no primeiro capítulo de *Relatos de um Certo oriente*, ao terminá-lo, nos transmite o narrador/autor uma espécie de síntese da grande aventura da memória, quando nos aponta que a busca da memória é a chave da vida. Além disso, os sentidos, fábulas e vozes formam o corpo destas viagens da memória.

A mistura de lugares e espaços de crenças: ele nos fala do nome de deus evocado em outro idioma, possível reunião entre a religião de Emilie (cristã) e a do seu marido (muçulmano) e assim também a dos que vieram de culturas indígenas e que trabalham na casa.

Em certo momento ele nos fala de “da neve ao mormaço, da montanha à planície, do Mediterrâneo ao Amazonas”.

E também nos evoca as mesquitas árabes a partir das torres de Manaus, a beira do rio e as águas do mediterrâneo.

2. O outro eixo é o da infância. O da infância (que fala, ao contrário do significado etimológico, aquele que não fala), o da experiência e reconstrução dos espaços, da cultura e dos ritos familiares.

A experiência de poder falar, de transformar o tempo em descoberta e encantamento, como nos diz Giorgio Agamben, em (*Enfance et histoire*, Paris, Payot).

MH nos traz a possibilidade de um tempo sempre recuperável mas não de forma linear, tempo de experiência e afetos. Assim ativam-se os sentidos, sonhos e contemplações que criam as coisas. Assim se recria a memória cultural da casa (como um cosmo) ou da cidade com seus múltiplos personagens, familiares, agregados e estranhos visitantes.

A continuação deste trabalho deve ser publicada em breve, tanto na *Revista Asas da Palavra* como numa coletânea a ser anunciada.